

«Um livro poderoso sobre como viver
uma vida com sentido no momento
mais difícil de todos.»

THE NEW YORK TIMES

QUERIDO EDWARD

ANN
NAPOLITANO

TOP
SEL
LER

AUTORA DE *OLÁ, LINDA*

Para Dan Wilde, por tudo

1

«Sendo a morte certa, mas o momento
da morte incerto, o que é mais importante?»

PEMA CHÖDRÖN

12 de junho de 2013

07h45

O aeroporto de Newark cintila após a sua remodelação recente. No controlo de segurança, há vasos com plantas a cada volta da fila para impedir que os passageiros percebam quanto tempo mais terão de esperar. As pessoas encostam-se às paredes ou usam as próprias malas como bancos. Todas elas acordaram antes de amanhecer; expiram ruidosamente, suspiram de exaustão.

Ao alcançarem a dianteira da fila, os membros da família Adler colocam os dispositivos informáticos e os sapatos nos tabuleiros. Bruce Adler tira o cinto, enrola-o e encaixa-o numa caixa de plástico cinzenta, diligentemente ao lado dos mocassins castanhos. Os filhos são mais descuidados, atirando as sapatilhas de qualquer maneira para cima dos portáteis e das carteiras. Os atacadores pendem do tabuleiro que compartilham, e Bruce não consegue resistir a acomodar os fios soltos no interior.

Ao lado deles, um grande cartaz retangular avisa: **TODAS AS CARTEIRAS, CHAVES, TELEMÓVEIS, JOIAS, DISPOSITIVOS ELETRÓNICOS, COMPUTADORES, TABLETS, OBJETOS METÁLICOS, CALÇADO, CINTOS E ALIMENTOS DEVEM SER DEPOSITADOS NOS TABULEIROS DE SEGURANÇA. BEBIDAS E OBJETOS DE CONTRABANDO TERÃO DE SER DESCARTADOS.**

Ao aproximarem-se do detetor de metais, Bruce e Jane Adler ladeiam Eddie, o filho de 12 anos. Jordan, o outro filho, de 15,

deixa-se ficar para trás enquanto os restantes elementos da família passam pelo pórtico.

— Recuso-me a passar por aí — diz Jordan ao operador do equipamento.

O oficial lança-lhe uma olhadela.

— O que é que disseste?

O rapaz enfia as mãos nos bolsos.

— Disse que me recusava a passar pela máquina.

O oficial berra, tanto quanto parece, para o espaço circundante:

— Temos um objeter!

— Jordan — chama o pai, do outro lado —, o que é que se passa?

O rapaz encolhe os ombros.

— Pai, isto é um *scanner* corporal de retrodifusão. É o equipamento de deteção mais perigoso e menos eficaz do mercado. Já li umas coisas sobre isso e não vou passar por ali.

Bruce, parado a dez metros de distância e sabendo que é impossível voltar a passar pelo pórtico para se juntar ao filho, fica calado. Não tem intenções de fazer com que Jordan acrescente mais uma palavra que seja.

— Sai do caminho, miúdo — diz-lhe o oficial. — Estás a bloquear a fila. — O rapaz obedece-lhe e o homem volta a dirigir-se a ele. — Deixa-me dizer-te que é muito mais fácil e agradável passares pela máquina do que seres revistado por aquele colega ali à frente. Vais ser sujeito a uma revista *minuciosa*, se é que me faço entender.

O rapaz afasta o cabelo da testa. Cresceu quinze centímetros no último ano, o que lhe dá um ar esgaldado. Tal como a mãe e o irmão, tem o cabelo encaracolado, e este cresce tanto que é impossível domá-lo. O cabelo do pai é curto e branco. Começou a embranquecer quando Bruce tinha 27 anos, o ano em que Jordan nasceu. Bruce gosta de apontar para o cabelo e dizer ao filho: «Olha o que tu me fizeste». O rapaz sabe que o pai o olha intensamente, como se tentasse transmitir-lhe algum bom senso pelo ar.

— Existem quatro razões para eu não passar pela máquina — afirma Jordan. — Quer saber quais são?

O segurança faz um ar divertido. Neste momento, ele já deixou de ser o único a dar atenção ao rapaz; à sua volta, os outros passageiros também o escutam atentamente.

— Meu Deus — diz Bruce por entre dentes.

A mão de Eddie desliza em direção à da mãe, algo que ele não fazia há, pelo menos, mais de um ano. Ver os pais a fazerem as malas para se mudarem de Nova Iorque para Los Angeles — o *Grande Levante*, chamava-lhe o pai — afetou-lhe o estômago. Ele sente-o a roncar e pergunta-se se haverá uma casa de banho nas proximidades.

— Devíamos ter ficado ao pé dele — observa.

— Vai correr tudo bem — replica Jane, mais para si própria do que para o filho. O marido não desvia o olhar de Jordan, mas ela não consegue fazê-lo. Em vez disso, concentra-se no prazer tátil que é ter a mão do filho na sua. Sentia a falta disso. *Tanta coisa que se podia resolver*, diz para si própria, *se nos limitássemos a dar mais vezes as mãos uns aos outros*.

O oficial empertiga-se.

— Desembucha, miúdo — diz ele.

Jordan levanta a mão, preparando-se para contar.

— Primeiro: prefiro limitar a minha exposição a radiações. Segundo: não acredito que esta tecnologia previna o terrorismo. Terceiro: repugna-me que o governo queira tirar fotografias aos meus tomates. E, quarto... — respira fundo — Acho que obrigarem as pessoas a ficarem paradas de mãos no ar, como se estivessem a ser assaltadas, tem como único objetivo fazê-las sentirem-se impotentes e humilhadas.

O oficial da TSA, a Agência de Segurança nos Transportes, já não sorri. Olha em redor. Não consegue perceber se o rapaz está a gozar consigo.

A pouca distância, Crispin Cox aguarda que o agente de segurança passe uma compressa pela sua cadeira de rodas, de modo

a apurar a existência de explosivos. Isto deixa o homem idoso fora de si. Inspeccionar a cadeira de rodas para detetar explosivos! Se lhe restasse algum ar extra nos pulmões, tê-lo-ia recusado. Mas quem é que estes idiotas pensam que são? Por quem o tomam? Já não chega estar preso àquela cadeira e ter de viajar com uma enfermeira?

— Façam lá a porcaria da revista ao rapaz — resmungo ele.

O velho tem décadas de experiência a dar ordens e é raro desobedecerem-lhe. O seu tom de voz quebra a indecisão do agente com a mesma força que a mão de um cinturão negro parte uma tábua de madeira. O agente encaminha Jordan para outro colega, e este pede ao rapaz que afaste as pernas e levante os braços. Consternada, a família vê o homem passar a mão brusca-mente por entre as pernas do rapaz.

— Quantos anos tens? — inquire o oficial, fazendo uma pausa para reajustar as luvas de borracha.

— Quinze.

O homem franze o sobrolho.

— Não é costume vermos miúdos a terem este tipo de reação — observa ele.

— Quem é que costuma tê-la?

— *Hippies*, na maior parte das vezes. — Reflete durante um segundo. — Ou antigos *hippies*.

Jordan tem de obrigar-se a ficar imóvel. O agente está a tatear-lhe o cós das calças de ganga, e isso faz-lhe cócegas.

— Talvez venha a ser *hippie* quando crescer.

— Já acabei, miúdo — diz o homem. — Desaparece.

Jordan junta-se à sua família com um ar sorridente e pega nas suas sapatilhas, que o irmão tem na mão.

— Vamos — diz ele. — Não queremos perder o avião.

— Vamos ter uma conversa sobre isto mais tarde — avisa o pai.

Os dois rapazes percorrem o corredor à frente dos pais. Há janelas ao longo do percurso que permitem que eles avistem os arranha-céus à distância — montanhas de vidro e aço criadas

pelo homem que trespassam o céu azul. Jane e Bruce não resistem a localizar o ponto onde as Torres Gémeas se erguiam outrora, tal como a língua tende a procurar a cavidade que antes alojava um dente. Os filhos, ainda a dar os primeiros passos aquando da queda das mesmas, aceitam a linha do horizonte tal como ela é.

— Eddie — chama Jordan, e os rapazes trocam um olhar.

Os irmãos conseguem ler-se um ao outro com tanta naturalidade que, por vezes, os pais ficam perplexos ao ver como Jordan e Eddie conseguem manter uma conversa e tomar uma decisão sem pronunciar uma única palavra. Agiram sempre como um só; sempre fizeram tudo juntos. No último ano, todavia, Jordan tem vindo a distanciar-se. Agora, a forma como profere o nome do irmão significa: *Eu continuo aqui. Nunca me irei embora.*

Eddie dá um murro no braço do irmão e corre à frente dele.

Jane caminha com passos pouco firmes. Pendendo ao lado do corpo, a mão que o filho mais novo soltou lateja.

Junto à porta de embarque é preciso esperar novamente. Linda Stollen, uma jovem vestida inteiramente de branco, dá uma corrida até a uma loja. Tem as palmas das mãos suadas e o coração bate-lhe como se ela esperasse encontrar uma escapatória. O avião que apanhou em Chicago aterrou à meia-noite, e Linda passou as horas da escala num banco, tentando esticar-se e dormir, de mala colada ao peito. Tinha comprado o voo mais barato que havia, motivo desta paragem em Newark, e fizera saber ao pai que jamais voltaria a pedir-lhe dinheiro quando ele a tinha levado ao aeroporto. O pai soltara algumas gargalhadas estridentes, chegando a dar palmadas no joelho, como se a filha lhe tivesse contado a anedota mais hilariante do mundo. Contudo, Linda não estava a brincar. Neste momento, tem duas certezas: a primeira é que nunca mais voltará a pôr os pés no Indiana, e a segunda, que nunca mais pedirá seja o que for ao pai e à sua terceira mulher. Nunca mais.

Esta é a segunda loja em que entra nas últimas vinte e quatro horas. Ao enfiar a mão na mala, toca no embrulho que contém o teste de gravidez comprado em South Bend. Desta vez, Linda opta por comprar uma revista cor-de-rosa, uma embalagem de drageias de chocolate e um refrigerante *light*.

Crispin Cox ressona na sua cadeira de rodas. O seu corpo assemelha-se a um origami raquítico de pele e osso. De vez em quando, os dedos agitam-se, como pequenas aves a tentarem levantar voo. A sua enfermeira, uma mulher de meia-idade e de sobranceiras espessas, lima as unhas no banco contíguo.

Jane e Bruce, sentados lado a lado nas cadeiras azuis do aeroporto, discutem, ainda que ninguém à sua volta dê por isso. Os rostos estão imperturbáveis, as vozes, baixas. Os filhos alcunharam esta forma de discussão parental de «DEFCON 4», e não se trata de algo que os deixe preocupados. Os pais debatem qualquer coisa, mas estão mais a dialogar do que a lutar. Procuram um entendimento e não tanto um confronto.

— Foi uma situação perigosa — afirma Bruce.

Jane abana levemente a cabeça.

— É miúdo — diz ela. — Não lhe iam fazer nada. O Jordan agiu em conformidade com os seus direitos.

— Estás a ser ingénua, Jane. Ele reagiu com insolência e isso não é bem aceite neste país, independentemente do que diz a Constituição.

— Tu ensinaste-o a manifestar a sua opinião.

Bruce aperta os lábios. Gostava de a contradizer, mas não pode. Bruce dá aulas aos filhos em casa, e o espírito crítico é um elemento sempre presente no processo de aprendizagem. Lembra-se de lhes ter feito há pouco tempo um discurso sobre como era importante não se submeterem cegamente a todas as regras. «Questionem tudo», dissera-lhes. «Tudo.» A cretinice dos fanfarrões da Universidade Columbia, que se tinham recusado a passá-lo a professor titular por ele não ser uma presença assídua nas festas que organizavam, atormentara-o durante semanas.

Perguntara ao diretor do departamento: «Mas que diabo têm estas trocas de galhardetes regadas a álcool que ver com Matemática?» Bruce também quer que os filhos questionem os fanfarrões, mas não para já. Aquilo que lhes deveria ter dito era: «Questionem tudo quando crescerem e tomarem as rédeas das vossas vidas, e deixarem de viver em casa dos pais, para que eu não tenha de estar sempre atento e preocupado.»

— Olha para aquela mulher — diz-lhe Jane. — Tem sinos cosidos a toda a roda da saia. Consegues imaginar o que é vestir uma coisa que tilinta de cada vez que dás um passo? — Abana a cabeça no que pretende ser um ar trocista, mas que acaba por ser apenas admiração.

Jane imagina-se a caminhar ao som do tinido de pequenas campainhas. Criando música e chamando a atenção a cada passo. Sente-se a corar com essa imagem. Veste umas calças de ganga e aquilo que considera ser a sua «camisola da escrita». Hoje, vestiu-se para estar confortável. Para que se terá vestido aquela mulher?

O medo e o embaraço que haviam invadido o corpo de Bruce junto ao detetor de metais começam a dissipar-se. Esfrega as têmporas e profere a oração de um judeu ateísta, dando graças por não ter tido uma das suas habituais enxaquecas que lhe deixam os vinte e dois ossos do crânio a latejar. Quando o médico lhe perguntou se ele sabia o que estaria na sua origem, a reação de Bruce fora uma gargalhada abafada. A resposta era extremamente clara e óbvia: os filhos. Para ele, a paternidade equivale a um sobresalto apavorado a seguir ao outro. Quando os rapazes eram bebés, Jane dizia que ele os transportava como se fossem granadas. Pois eles eram-nas, e continuam a sê-lo. O principal motivo que o fez concordar em ir viver para LA é passarem a dispor de uma casa com jardim, arrendada pelos estúdios de cinema. O objetivo de Bruce é ter as suas granadas dentro desse espaço fechado e que os rapazes precisem que ele os leve se quiserem ir a algum lado. Em Nova Iorque, eles limitavam-se a apanhar o elevador e a desaparecer.

Espreita-os, para ver o que estão a fazer. Estão a ler, no lado oposto da sala de espera, numa atitude subtil de independência. O mais novo averigua igualmente como está o pai. Eddie é outro preocupado crónico. Pai e filho trocam um olhar. São duas versões diferentes da mesma face. Bruce obriga-se a fazer um grande sorriso, tentando que o filho lho retribua. De súbito, tem saudades de ver o miúdo feliz.

A mulher da saia tilintante passa entre o pai e o filho, rompendo aquela ligação. A cadência dos sinos acompanha os seus passos. A mulher é alta, de ascendência filipina, e tem uma estrutura compacta. O cabelo negro está enfeitado com pequenas contas. Cantarola baixinho. As palavras são suaves, e ela espalha-as por cada recanto da sala de espera como pétalas de flores: *Glória, Graça, Aleluia, Amor*.

Um homem negro fardado está de pé junto à janela, de costas para a sala. Tem sensivelmente um metro e oitenta de altura, e uma largura de peito impressionante. Benjamin Stillman ocupa espaço mesmo numa sala com muito por ocupar. Ouve a mulher a cantar; a voz dela fá-lo pensar na avó. Tal como o detetor de metais, sabe que a avó irá descobrir tudo o que ele tem escondido dentro de si, assim que o vir no aeroporto de Los Angeles. Vai perceber o que aconteceu quando ele lutou com Gavin; verá a bala que lhe perfurou o flanco duas semanas depois, e o saco de colostomia que agora cobre o orifício. Diante dela — e apesar de Benjamin ser veterano em subterfúgios e de ter passado a vida a esconder a verdade de toda a gente, incluindo de si próprio —, não tem qualquer hipótese. Todavia, neste preciso momento, encontra a paz nos fragmentos de uma canção.

Uma funcionária da companhia aérea desfila com um microfone até à entrada da sala. Fica parada, com a anca a pender ligeiramente para um dos lados. Às outras funcionárias, o uniforme ora parece demasiado largo ou demasiado apertado, mas o dela assenta como se tivesse sido feito à medida. Traz o cabelo apanhado num coque imaculado, e o batom é brilhante e vermelho.

Mark Lasso, que esteve a enviar mensagens ao seu sócio, ergue o olhar. Tem 32 anos e, nos últimos três, teve dois perfis escritos sobre si na *Forbes*. Maxilar bem definido, olhos azuis que se tornaram exímios na arte de olhar intensamente, e cabelo curto penteado com gel. Veste um fato em tons cinzentos com tanto de discreto como de dispendioso. Mark avalia a mulher e sente a cabeça a girar, libertando-o dos *whiskies sour*s da noite anterior. Endireita-se na cadeira e concentra toda a sua atenção nela.

— Senhores passageiros — anuncia a funcionária —, sejam bem-vindos ao voo 2977 com destino a Los Angeles. Vamos iniciar o embarque.

O avião é um *Airbus A321*, uma baleia branca com uma lista azul a percorrer-lhe o flanco. Tem capacidade para cento e oitenta e sete passageiros, dispostos ao longo de um corredor central. Na classe executiva, há dois lugares espaçosos, de cada lado do corredor; a classe económica tem três assentos de cada lado. E todos irão ocupados.

Os passageiros avançam numa fila vagarosa; contra os seus joelhos balançam sacos pequenos, contendo os artigos demasiado valiosos ou essenciais para seguirem na bagagem de porão. O que lhes chama a atenção assim que embarcam é a temperatura: está tão frio como numa câmara frigorífica, e o ar condicionado emite um contínuo e sentencioso *shhhh!* Os braços que chegaram destapados começam a arrepiar-se e, em breve, estarão cobertos por camisolas.

A enfermeira de Crispin atarefa-se à sua volta, enquanto o homem passa da cadeira de rodas para um lugar da classe executiva. Neste momento, está acordado, e a sua irritação atinge o auge. Uma das piores coisas de se estar doente é isso dar às pessoas — *desconhecidos de merda* — luz verde para nos tocar. A enfermeira debruça-se para colocar as mãos na sua coxa, acomodando-o melhor. *Na sua coxa!* Em tempos, as pernas de

Crispin cruzavam energicamente salas de reuniões, percorriam o campo de *squash* no clube e dominavam as pistas pretas em Jackson Hole. Agora, uma mulher que ele considera medíocre, na melhor das hipóteses, acha que pode tocar-lhes. Crispin afasta-a com um gesto.

— Não preciso de ajuda para me sentar na porcaria de uma cadeira — declara.

Benjamin entra no avião de cabeça baixa. Veio para Nova Iorque numa aeronave militar, pelo que esta é a sua primeira viagem comercial em mais de um ano. Mas ele sabe aquilo que o espera, e isso deixa-o desconfortável. Em 2002, teria sido passado automaticamente da classe económica para a executiva, e o avião em peso tê-lo-ia aplaudido assim que ele entrasse. Agora, um passageiro começa a bater palmas, outro junta-se-lhe a seguir, e outros seguem-lhes o exemplo. Os aplausos ressaltam como uma pedra num lago, tocando aqui e ali até se afundar na superfície negra e no silêncio. Enquanto dura, o som é furtivo, com um toque de confrangimento.

— Obrigada pelo serviço que presta — murmura uma jovem. O soldado ergue a mão numa continência discreta e afunda-se numa cadeira da classe económica.

O núcleo da família Adler reparte-se junto à porta. Jane acena aos filhos e ao marido, que se encontram imediatamente à sua frente, e depois, de ombros contraídos, apressa-se em direção à classe executiva.

Bruce segue-a com o olhar durante alguns segundos e depois avança para os lugares na traseira do avião, seguido pelo andar desengonçado de Jordan e Eddie. Enquanto caminha, vai espreguindo para os números das cadeiras, e calcula que irão ficar a vinte e nove filas de distância de Jane, que lhes havia prometido que alteraria a classe do bilhete para se sentar junto deles. Bruce sabe, por experiência própria, que as promessas da mulher têm pouco valor quando o trabalho está metido ao barulho. Ainda assim, opta por acreditar sempre nela e, graças a isso, por se desiludir.

— Qual é a fila, pai? — pergunta-lhe Eddie.

— Trinta e um.

Os passageiros retiram *snacks* e livros dos sacos, guardando-os nas bolsas dos assentos à sua frente. A traseira do avião cheira a comida indiana. Os cozinheiros domésticos, nos quais Bruce se inclui, inspiram e concluem: *cominhos*. Jordan e Eddie discutem sobre quem vai ficar à janela — o pai prefere a coxia, que lhe dá mais espaço para as pernas — até o irmão mais velho dar conta de que estão a bloquear a passagem dos passageiros e ceder inesperadamente. Um ato de maturidade do qual ele se arrepende assim que se senta; agora, está encurralado entre o pai e o irmão. A exaltação — *o poder* — que experimentara após ser revistado, acaba de ser anulada. Neste momento, Jordan tem a sensação de ser uma criança idiota presa numa cadeira alta para bebés. Como represália, Jordan decide não dirigir a palavra a Eddie durante pelo menos uma hora.

— Pai — diz Eddie —, quando chegarmos, as nossas coisas já estão na nova casa?

Bruce interroga-se sobre o que terá Eddie especificamente em mente: o seu pufe, as partituras para piano, o elefante de peluche com que ainda dorme de vez em quando? Os filhos viveram toda a vida no apartamento de Nova Iorque. Neste momento, a casa está arrendada; se Jane tiver sucesso e eles optarem por ficar na costa oeste, será vendida.

— As caixas chegam na próxima semana — responde Bruce —, mas a casa está mobilada, pelo que podemos viver lá sem problema.

O rapaz, que parece mais novo do que os seus 12 anos, acena com a cabeça para a janela oval ao seu lado. A ponta do dedo fica branca quando ele a pressiona contra o acrílico transparente.

Linda Stollen treme de frio com a sua *t-shirt* fina e calças de ganga brancas. A mulher sentada à direita, por incrível que pareça, já está a dormir. Colocou um lenço azul sobre o rosto e encostou a cabeça à janela. Linda está a vasculhar a bolsa do assento

à sua frente, na esperança de encontrar um cobertor de cortesia, quando a mulher da saia musical chega à sua fila. Quando se senta, o volume do seu corpo leva-o a espriar-se por cima do braço da cadeira até invadir o espaço de Linda.

— Bom dia, doçura — cumprimenta ela. — Sou a Florida.

Linda encolhe os cotovelos de modo a evitar o contacto físico.

— Como o estado?

— Como o estado, não. Eu *sou* o estado. Sou a Florida.

Oh, meu Deus, pensa Linda. *O voo demora seis horas. Vou ter de passar a viagem a fingir que estou a dormir.*

— Como te chamas, querida?

Linda hesita. Esta é a oportunidade inesperada de dar o pontapé de saída à sua nova identidade. Tenciona apresentar-se às pessoas que conhecer na Califórnia com o nome de *Belinda*. Isso fará parte do seu recomeço, uma versão renovada de si própria com um nome renovado. Belinda, considera ela, é uma mulher sedutora que irradia confiança. Linda é uma dona de casa insegura, de tornozelos inchados. A jovem posiciona a língua, a preparar-se. *Be-lin-da*. Contudo, as sílabas ficam-lhe presas na boca. Ela tossica e ouve-se a dizer:

— Vou casar-me. Vou para a Califórnia para o meu namorado me fazer o pedido. Ele vai pedir-me em casamento.

— Bom — replica Florida, num tom suave —, isso é fantástico.

— Sim — concorda Linda. — Suponho que sim.

É neste momento que repara no quão cansada está e no pouco que dormiu na noite anterior. A palavra *suponho* parece-lhe ridícula assim que a profere. Linda chega até a perguntar-se se será a primeira vez que a usa.

Florida curva-se para a frente, reorganizando o conteúdo do seu enorme saco de lona.

— Eu própria já me casei meia dúzia de vezes — refere ela. — Talvez mais de meia dúzia.

O pai de Linda casou-se três vezes, e a mãe, duas. Meia dúzia de vezes não lhe parece estranho, embora ela tencione casar-se

uma vez apenas. O seu propósito é marcar a diferença na linha dos Stollens. Ser melhor.

— Se tiveres fome, querida, eu trouxe imensos *snacks*. Recusome a tocar na comida repugnante que nos servem a bordo. Se é que se lhe pode chamar *comida*...

Linda sente o estômago a roncar. Quando terá sido a sua última refeição decente? No dia anterior? Olha fixamente para a sua embalagem de drageias de chocolate que espreita solitariamente da bolsa do assento em frente. Com uma urgência que a surpreende a si mesma, agarra na embalagem, abre-a bruscamente e verte parte do conteúdo na boca.

— Não me disseste o teu nome — recorda-lhe Florida.

Linda para de mastigar por momentos.

— Linda.

A assistente de bordo — a mesma mulher que lhes deu as boas-vindas na porta de embarque — percorre o corredor com um andar descontraído, verificando o estado dos compartimentos para bagagem e os cintos de segurança. Parece mover-se ao som de uma banda sonora interior; abranda o passo, sorri, e muda de cadência. Toda a gente a observa, homens e mulheres; o seu andar elegante é hipnotizante. Percebe-se nitidamente que a assistente de bordo está habituada a despertar atenções. Deita a língua de fora a um bebé sentado ao colo da mãe, e a criança gorgoleja. Ao chegar ao lugar de Benjamin, na coxia, a mulher agacha-se e segreda-lhe algo ao ouvido.

— Sou a chefe de cabina, pelo que fui informada sobre o seu problema de saúde — diz ela. — Se precisar de qualquer tipo de apoio, em algum momento, não hesite em chamar-me.

O soldado foi apanhado de surpresa; tem estado a olhar fixamente pela janela, para a miscelânea de cinzentos no horizonte. Aviões, pistas de aterragem, o recorte da cidade à distância, uma autoestrada, carros sibilantes. Cruza o olhar com o dela, constatando nesse instante que tem andado a evitar contacto visual desde há dias, semanas, talvez. Os olhos dela são cor de mel

e profundos; sabe bem olhar para eles. Benjamin aquiesce, pouco à vontade, e obriga-se a desviar o olhar.

— Obrigado.

Na classe executiva, Mark Lassio organizou o espaço em seu redor com precisão. O portátil, um romance policial e uma garrafa de água descansam na bolsa do assento à sua frente. O telemóvel está na sua mão; os sapatos foram descalçados e arrumados debaixo da cadeira. A pasta, deitada no compartimento das bagagens, contém documentos profissionais, as suas três melhores canetas, comprimidos de cafeína e um saco de amêndoas. Vai à Califórnia fechar um negócio importante, no qual anda a trabalhar há meses. Olha de relance por cima do ombro, tentando um ar casual. Contudo, o casual não lhe assenta bem; assenta-lhe melhor um fato de três mil dólares. Olha para a cortina que separa a classe executiva da económica com a mesma intensidade que dedica aos treinos físicos, aos jantares românticos e às apresentações de negócios. No escritório, é conhecido como o «Martelo».

Embora a assistente de bordo capte a sua atenção por razões óbvias, existe nela algo que ultrapassa a mera beleza. Ela tem aquela idade mágica, confiante — calcula que sejam 27 anos — em que a mulher tem um pé na juventude e outro na maturidade. De certa forma, no mesmo momento, infinito e fulgurante, ela tanto pode ser uma rapariga de 16 anos de pele acetinada, como uma mulher experiente de 40. E esta mulher está extraordinariamente cheia de vida. Há muito tempo que Mark não via alguém tão repleto de células e genes e *biologia*. Talvez esta seja até a primeira vez. Ela tem os mesmos ingredientes que existem nas outras mulheres, só que, neste caso, todos estão em ebulição.

Por fim, quando a assistente de bordo chega à classe executiva, Mark é acometido do desejo irresistível de desapertar o cinto de segurança, agarrar-lhe a mão, enlaçá-la pela cintura e dançar uma salsa. Ele não sabe dançar salsa, mas está absolutamente convicto de que, mal se aproximasse dela, o problema ficaria resolvido. Ela é um musical da Broadway em forma humana, enquanto ele,

constata Mark inesperadamente, se movimenta apenas a vapores de álcool e *pretzels*. Baixa o olhar para as suas mãos, faltando-lhe subitamente o ânimo. A ideia de a agarrar pela cintura e arriscar uns passos de dança não seria inconcebível. Mark já fez esse género de coisas — a psicóloga chama-lhes «surto»; no entanto, há meses que não tem um surto. Jurou que isso não voltava a acontecer.

Ao reerguer o olhar, vê a assistente de bordo no início do corredor, preparando-se para transmitir as instruções de segurança. Unicamente para a manterem no seu ângulo de visão, muitos dos passageiros inclinam-se para a coxia, surpreendidos por estarem tão atentos, coisa que já não lhes acontecia há anos.

— Senhores passageiros — a voz dela ondula no ar —, chamo-me Veronica e sou a chefe de cabina. Podem encontrar-me na classe executiva. Os meus colegas, Ellen e Luis — Veronica aponta para uma versão mais esmorecida de si própria (cabelo castanho mais claro, pele mais pálida) e para um homem baixo e calvo — irão estar na classe económica. Em nome do comandante e da tripulação, dou-vos as boas-vindas a bordo. Certifiquem-se, por favor, de que as costas dos vossos assentos estão na posição vertical e as mesas devidamente recolhidas. Recordo ainda que todos os dispositivos eletrónicos deverão estar desligados a partir deste momento. *Agradecemos* a vossa colaboração.

Mark desliga obediamente o telemóvel. Regra geral, limita-se a guardá-lo no bolso, e no seu peito subleva-se a onda de emoção que se sente ao fazer algo por alguém.

Jane Adler, sentada ao seu lado, diverte-se a observar o ar extasiado dos passageiros. Ela própria fora uma verdadeira estampa quando conheceu Bruce, no início dos seus 20 anos, mas nem de longe possuía o *sex appeal* de Veronica.

Naquele momento, a assistente de bordo explica aos passageiros como apertar o cinto, e o tipo de Wall Street reage como se nunca tivesse ouvido falar de um cinto de segurança, e muito menos soubesse utilizá-lo.

— Existem várias saídas de emergência neste avião — continua Veronica. — Peço-vos que dediquem alguns momentos a localizar a que está mais perto de cada um. Caso seja preciso evacuar o avião, as luzes situadas ao nível do chão irão acender-se e guiar-vos até às saídas. A abertura das portas é feita com a rotação do manípulo na direção da seta. Cada porta está equipada com um escorrega insuflável, o qual pode ser retirado e utilizado como balsa salva-vidas.

Jane sabe que, algures atrás dela, o marido já rabiscou as saídas num papel e escolheu aquela para onde irá conduzir os filhos em caso de emergência. Do mesmo modo, consegue intuir o seu revirar de olhos desdenhoso face à referência dos escorregas insufláveis. Bruce processa o mundo — e decide o que é a realidade — com base em números, e as estatísticas dizem que nunca houve um caso de sobrevivência a um acidente de avião que tivesse contado com a ajuda de um escorrega insuflável. São contos de fadas destinados a dar aos passageiros uma falsa sensação de controlo. Bruce considera que os contos de fadas não servem para nada, mas a maioria das pessoas parece gostar deles.

Crispin pergunta-se porque é que nunca casou com uma mulher com as formas daquela assistente de bordo. Nenhuma das suas mulheres tinha um traseiro digno de nota. *Talvez as raparigas magras atraíam os jovens*, pensa ele, *e sejam precisos anos para apreciar a importância de se ter uma almofada na cama*. Ele não se sente atraído por aquela mulher; ela tem a idade de duas das suas netas, e o seu fogo já se extinguiu. A própria ideia de duas pessoas a contorcerem-se numa cama soa-lhe a uma piada de mau gosto. Uma piada que ele próprio contou durante muito tempo, claro, quando era mais novo. Apertando subitamente os braços da cadeira, enquanto uma dor aguda e intermitente lhe atinge a zona abdominal, apercebe-se de que todos os capítulos importantes da sua vida pessoal começaram e terminaram em lençóis amarfanhados. Todas as esposas, candidatas a esposas e ex-mulheres negociaram as suas condições no quarto.

Eu fico com os miúdos.

Casamo-nos em junho no clube de campo.

Eu fico com a casa de férias.

Paga as minhas contas ou eu conto à tua mulher.

Olha de relance para Veronica, a qual explica naquele momento como insuflar o colete salva-vidas com a ajuda de um tubo. *Se as mulheres que escolhi fossem um pouco mais cheinhas,* pensa ele, *talvez as coisas não tivessem acabado tão depressa.*

— Lembremos — prossegue a assistente de bordo, com um sorriso lânguido — que não é permitido fumar a bordo. Caso tenham alguma dúvida, dirijam-se, por favor, a um dos nossos membros da tripulação. Em nome da Trinity Airlines, *desejo-vos* — deixa a palavra em suspenso, como se fosse uma bola de sabão lançada no ar — uma viagem agradável.

Veronica afasta-se e, sem um ponto de foco, os passageiros pegam em livros ou revistas. Alguns fecham os olhos. As saídas do ar condicionado sibilam com mais força. Não apenas por vir de um ponto mais acima, mas também por fazê-lo acompanhado de rajadas de ar gelado, o silvo deixa as pessoas desconfortáveis.

Jane Adler aconchega melhor a camisola para se proteger, aninhando-se na sua culpa por não ter terminado o guião antes da viagem. Detesta andar de avião, e agora terá de o fazer separada da sua família. *É castigo,* reflete ela. *Pela minha preguiça, por ter andado a adiar e, logo à partida, por ter aceitado esta proposta disparatada.* Passara muito tempo a escrever para uma série de televisão em Nova Iorque, em parte por ser um trabalho que não a obrigava a viajar; mas agora, aqui estava ela, a arriscar, a aceitar outro trabalho e outra viagem de avião.

Os seus pensamentos percorrem um caminho familiar; quando está ansiosa, Jane revive momentos da sua vida, talvez para se convencer de que tem uma história. Criou memórias, o que significa que irá criar mais. Jane e a irmã correm sobre o areal de uma praia canadiana; divide a leitura do jornal com o pai à mesa da cozinha, num silêncio harmonioso; alivia-se num

parque público depois de ter bebido demasiado champanhe no baile da faculdade; observa Bruce, envolto em pensamentos e de rosto crispado numa esquina de West Village; dá à luz o filho mais novo numa banheira de hidromassagem, sem analgésicos, espantada com os ruídos animais que lhe saem dos pulmões. Vê a pilha dos seus sete romances preferidos, que tem vindo a seleccionar criteriosamente desde a infância, e a sua melhor amiga, Tilly, e o vestido que costuma usar em todas as reuniões importantes porque a faz sentir-se calma e magra. O modo como a sua avó estica os lábios, atira beijos e cantarola ao cumprimentar as pessoas: *Olá, olá*.

Jane separa o que é importante do supérfluo, tentando alhear-se do sítio onde está e também daquele para onde vai. Os dedos dirigem-se automaticamente para o ponto abaixo da clavícula onde está o seu sinal de nascença, com a forma de um cometa. É um hábito que lhe vem da infância. Pressiona-o, como se estabelecesse ali uma ligação com a pessoa que é verdadeiramente. Pressiona-o até doer.

Crispin Cox olha através da janela. Os médicos de Nova Iorque — os melhores médicos de Nova Iorque, e não quererá isso dizer que são os melhores do mundo? — garantiram-lhe que havia vantagens em procurar tratamento num hospital especializado em LA. «Conhecemos este cancro como a palma da nossa mão», tinham-lhe dito os médicos de Nova Iorque. «Vamos submetê-lo ao ensaio do novo medicamento». Crispin conseguira ler-lhes o brilho no olhar. Eles não queriam que ele morresse, que fosse derrotado, porque isso significaria que eles próprios, um dia, também o seriam. *Quando se é grande, luta-se. Não se admite a derrota. Arde-se como um fogo filho da puta*. Crispin anuiu, porque é claro que ia vencer aquela doença ridícula. É claro que não seria derrotado por ela. Mas há um mês contraíra um vírus que lhe havia minado a energia e o inundara de ansiedade. Despertara uma nova voz na sua cabeça, uma que não lhe augurava nada de bom e que o fazia pôr em causa a confiança anteriormente sentida. O vírus

desaparecera, mas a ansiedade não. Desde então, mal saía de casa. Quando o médico telefonou para lhe marcar uma última consulta e novas análises ao sangue antes do voo, Crispin respondeu que estava muito ocupado. A verdade é que ele tinha medo de que as análises ao sangue refletissem a forma como se sentia agora. A única concessão que fizera a este novo e indesejável mal-estar fora contratar uma enfermeira para o acompanhar na viagem. Não lhe agradava a ideia de estar sozinho no céu.

Bruce Adler olha para os filhos; os rostos deles são indecifráveis. Ocorre-lhe o pensamento, já habitual, de que está demasiado velho, desfasado, para os conseguir decifrar. Alguns dias antes, enquanto Bruce e Jordan esperavam que vagasse uma mesa no seu restaurante chinês preferido, vira o filho a olhar fixamente para uma rapariga da mesma idade que estava a entrar com um adulto. Os dois adolescentes entreolharam-se por instantes, de cabeça inclinada, e depois o rosto de Jordan abriu-se — de modo bem rasgado, poder-se-ia dizer — num sorriso. Ele parecia oferecer tudo àquela desconhecida: a sua alegria, o seu amor, o seu pensamento, a sua completa atenção. Jordan olhara para a rapariga com uma expressão que Bruce, que observou o filho todos os dias da vida dele, jamais lhe havia visto. Que nem sabia que existia.

Benjamin ajeita-se no seu assento apertado. Como seria bom estar no cockpit, atrás daquela porta trancada. Os pilotos falam como os militares, seguindo um guião codificado com uma precisão absoluta. Ouvi-los durante alguns minutos a prepararem-se para a descolagem podia ajudá-lo a despertar o nó que sente no peito. Não gosta da confusão de sons à sua volta, pessoas a tagarelar, outras a ressonar. Há uma desordem na forma como os civis se comportam que o deixa incomodado. A mulher branca ao seu lado cheira a ovos e já lhe perguntou duas vezes se ele estava no Iraque ou «naquele outro sítio».

Linda pratica um exercício abdominal invulgar e extenuante, ao tentar afastar-se do volume avassalador de Florida sem tocar na passageira adormecida do outro lado. Sente-se a torre de Pisa.

Queria muito — os oblíquos contraem-se — ter comprado mais chocolates. Depois, pensa *Quando estiver na Califórnia com o Gary, vou comer mais*, e este pensamento anima-a. Ela faz dieta desde os 12 anos; nunca lhe ocorrera livrar-se desse jugo até ao momento. Sempre lhe pareceu fundamental ser magra, mas pode ter-se enganado. Tenta imaginar-se com um corpo voluptuoso, *sexy*.

Florida está novamente a cantar; um som ténue que lhe nasce no fundo do peito, assemelhando-se a um zumbido. À sua volta, como que atraído pelo som, o motor do avião desperta para a vida com um rugido. A porta de entrada é fechada a vácuo. O avião estremece e lança-se para a frente, e Florida trauteia. É uma fonte de melodia, salpicando toda a gente à sua volta. Linda aperta as mãos com força no colo. Jordan e Eddie, apesar da sua zanga silenciosa, encostam os ombros em busca de conforto, à medida que o avião ganha velocidade. Os passageiros debruçados sobre livros ou revistas já deixaram realmente de ler. Os que têm os olhos fechados não dormem. No exato momento em que o avião descola, todos eles estão conscientes.

12 de junho de 2013

Final da tarde

A «Go-Team», o grupo de investigadores permanente do NTSB¹, está no local sete horas após o acidente — o tempo que demora a fazer a viagem aérea de Washington a Denver, e o percurso em carros alugados até à pequena localidade a norte do Colorado. O dia longo e soalheiro de verão permite-lhes chegar ainda antes de anoitecer. O verdadeiro trabalho começará ao nascer do Sol do dia seguinte. Neste momento, a presença deles tem o propósito de ter uma ideia geral da situação, um mero ponto de partida.

O *mayor* da cidade também está presente para dar as boas-vindas ao investigador principal. Os dois homens perfilam-se para uma fotografia em frente aos jornalistas. À exceção do aperto de mão, o *mayor* — que trabalha também como contabilista, já que a cidade não tem fundos suficientes para pagar a funcionários a tempo inteiro — enfia as mãos nos bolsos para esconder o quanto tremem.

A polícia isolou a zona; a equipa do NTSB, equipada com fatos de proteção cor-de-laranja e máscaras, vai observando os destroços, passando por cima de uns e contornando outros. A zona é completamente plana; a superfície, queimada, carbonizada

¹ Conselho Nacional de Segurança nos Transportes. [N. T.]

— uma torrada esquecida na torradeira. O fogo está extinto, mas a atmosfera está saturada de calor. O avião atravessou uma mancha de árvores e depois cravou-se na terra. A sorte, observam os membros da equipa entre si, é não ser uma zona residencial. Nenhum ser humano foi atingido no solo. O grupo encontra duas vacas trucidadas e um pássaro morto entre cadeiras, bagagens, metal e membros.

As famílias das vítimas chegam a Denver de avião e de carro, ao longo das vinte e quatro horas após o sucedido. No Marriott, no centro da cidade, estão vários pisos reservados à espera delas. Às 17 horas do dia 13 de junho, o porta-voz do NTSB, um homem com a pele marcada pelo acne e modos gentis, encontra-se no salão do hotel a fazer o ponto de situação às famílias e aos meios de comunicação social.

Os familiares sentam-se na beira das cadeiras dobráveis. Inclina-se para a frente, como se a pele dos seus ombros pudesse ouvir; curvam a cabeça, como se os folículos capilares pudessem captar o que mais nenhuma parte do seu corpo consegue. Os poros estão dilatados, os dedos, afastados. Escutam intensamente, na esperança de encontrarem uma verdade melhor e menos excruciante atrás dos factos que lhes são apresentados.

Num canto ao fundo, há um conjunto de arranjos florais sofisticados, para os quais ninguém olha. Peónias vermelhas e cor-de-rosa em grandes jarrões. Uma cascata de lírios brancos. São restos de um casamento que decorreu ali mesmo na noite anterior. O aroma que libertam irá manter muitas daquelas famílias distantes de floristas para o resto das suas vidas.

Os jornalistas e repórteres presentes mantêm-se à parte durante este *briefing*. Nas entrevistas, evitam o contacto visual com os familiares. Acabam por manifestar tiques próprios: um homem coça os braços como se tivesse sido contaminado por uma hera venenosa; uma repórter televisiva alisa o cabelo vezes

sem conta. Vão atualizando as notícias nos diretos e em artigos enviados por *e-mail* à Associated Press. Dão uma ênfase especial aos passageiros «conhecidos». Um barão da indústria dos plásticos, famoso por ter construído um império e deixar milhares de funcionários no desemprego devido ao processo de automatização. Um menino-prodígio de Wall Street, com um valor estimado em cem milhões de dólares. Um oficial do exército dos Estados Unidos, três professores universitários, uma ativista dos direitos civis e uma antiga argumentista da série *Lei & Ordem*. Vão despejando factos em bocas sequiosas; o acontecimento prende a atenção do mundo. Cada canto da Internet dá o seu contributo.

Um repórter exhibe um exemplar do *New York Times* em frente à câmara para mostrar uma parangona, semelhante aos cabeçalhos reservados habitualmente a eleições presidenciais e passeios na Lua. Lê-se: 191 PESSOAS MORTAS NA QUEDA DE UM AVIÃO; 1 SOBREVIVENTE.

Quando a conferência de imprensa termina, os familiares têm apenas uma pergunta a fazer; todos se focam nela, como uma janela numa sala escura.

— Como está o rapaz?

As partes intactas do avião serão transportadas para as instalações do NTSB na Virgínia. Aí, dar-se-á seguimento à remontagem do *puzzle*. Neste momento, procura-se a caixa negra. A mulher que chefia a equipa, uma lenda neste domínio, com 60 anos e conhecida apenas por Donovan, está segura de que será encontrada.

Para uma pessoa com a sua experiência, o cenário não apresenta dificuldades. Os destroços estão concentrados num raio de oitocentos metros e não existem na zona massas de água ou terrenos pantanosos, somente vegetação rasteira e terra dura. Nada se perderá ou desaparecerá para sempre; tudo é passível de ser recolhido. Há metal carbonizado, cadeiras partidas ao meio, estilhaços. Há pedaços de corpos, mas não cadáveres intactos. É fácil

olhar para além da matéria humana e concentrar a atenção no metal. Concentrar a atenção no facto de ser possível encaixar as peças deste *puzzle*. A equipa de Donovan é constituída por homens e mulheres que passam a sua vida profissional à espera de que ocorram tragédias. Aplicam-se ao máximo no que estão a fazer, apertando os lábios debaixo das máscaras, catalogando os indícios que vão recolhendo em sacos de provas.

Pouco dias depois, os quartos arrendados no Marriott estão vazios. As famílias partiram. Terminaram as conferências de imprensa diárias. A equipa do NTSB localizou a caixa negra e regressou à Virgínia. Foi anunciado que a divulgação dos resultados principais será feita no prazo de três semanas e que, dentro de seis meses, haverá uma audiência pública para divulgação das provas apuradas, em Washington D.C.

A cobertura mediática do acontecimento está mais abrangente, incluindo temas novos; escrevem-se artigos dedicados aos tios do rapaz, os quais chegaram de avião de Nova Jérсия para o adotar. Lacey Curtis, de 39 anos, é a irmã mais nova de Jane e o único parente biológico vivo do sobrevivente. A fotografia dela revela uma mulher de cabelo claro, com o rosto cheio e sardento, esboçando um sorriso hesitante. Além disto, apenas se sabe que é dona de casa. O marido, John Curtis, de 41 anos, é técnico de informática e presta consultoria a empresas locais. O casal não tem filhos.

O público continua a consumir toda e qualquer informação relativa ao acidente, o que estimula o fluxo permanente de especulações por parte dos analistas da televisão ou Internet. Estariam os pilotos embriagados? O avião teve uma avaria? A hipótese de um ato terrorista está completamente de lado? Terá um passageiro tido um acesso de loucura e invadido o cockpit? Foi a tempestade? As estatísticas do Google revelam que, uma semana após a queda do avião, cinquenta e três por cento das pesquisas

efetuadas online nos Estados Unidos se relacionam com este acidente.

— Por que razão, de entre todas as notícias terríveis deste mundo terrível — insurge-se um antigo pivô —, nos preocupamos tanto com a queda deste avião e com este rapazinho?

Ele está no hospital há uma semana. Uma mulher entra no quarto apoiada em canadianas; é a diretora de relações públicas do hospital de Denver, incumbida de manter a família a par de tudo o que não envolva diretamente cuidados médicos.

— Como está, Susan? — cumprimenta John Curtis.

John é um homem alto, de barba, com a palidez e o ventre proeminente de quem passa a maior parte da vida diante de um ecrã de computador.

— Ele já falou hoje?

Lacey — pálida, com a blusa manchada de café — diz que não com um movimento de cabeça.

— Não, desde que lhe contámos.

— Já resolveram se preferem que o tratem por Eddie ou por Edward? — inquire Susan.

John volta-se para a mulher e os dois trocam um olhar. Este olhar — cansado e gasto — sugere que não dormiram mais de uma hora seguida desde o telefonema. Na semana em que o avião se despenhou, Lacey e John não falavam um com o outro, porque ela queria continuar a tentar engravidar e ele não estava de acordo. Neste momento, a zanga e o silêncio entre os dois parecem irrelevantes. Foram derrubados abruptamente do cavalo que era a vida de casal. O sobrinho jaz à sua frente, ferido e debilitado, e está sob a responsabilidade de ambos.

— Está a pensar em pessoas estranhas, não é? — replica Lacey. — Que não o conhecem a ele nem a nós. A imprensa devia usar o nome próprio dele. Edward.

— E não Eddie — corrobora John.

— De acordo — diz Susan.

Edward — porque é esse agora o seu nome — dorme ou finge dormir. Os três adultos observam-no como que pela primeira vez. Uma ligadura envolve-lhe a testa; o cabelo, espesso e indomável, insiste em espreitar. A pele de um branco translúcido só muda de tom debaixo dos olhos, onde está escura. Está mais magro e aparenta ter menos de 12 anos. Um hematoma arroxeadado desponta-lhe do peito e sobe acima do limiar da bata hospital demasiado larga. Tem ambas as pernas engessadas, mas a direita está elevada com uma tração. Calça umas meias cor de laranja compradas na loja do hospital. Na sola, lê-se «DENVER!!!» em letras brancas.

Há um elefante de peluche sob o braço de Edward, para o qual Lacey tem dificuldade em olhar. A equipa da empresa de mudanças contratada para transportar os pertences da família Adler de um lado ao outro do país parou num motel em Omaha na noite seguinte ao acidente. Os homens esvaziaram o camião no parque de estacionamento, depositando todas as caixas no asfalto. Abriram uma identificada como QUARTO DO EDDIE. Retiraram o elefante de peluche da caixa e enviaram-no para o hospital de Denver, acompanhado de um bilhete com a mensagem: *Achámos que o rapaz podia querer isto.*

— Dado que ele está estável, o plano de o transportar de avião daqui a dois dias continua de pé — refere Susan. — Foi disponibilizado um jato privado para a viagem, por isso poderão acompanhá-lo.

— As pessoas têm sido tão generosas! — exclama Lacey, e depois cora.

Tem tantas sardas que o rubor acaba simplesmente por uni-las. Torce as mãos sardentas constantemente, como se a repetição do movimento pudesse alterar esta realidade inaceitável de alguma forma.

— Só mais algumas coisas — continua Susan, inclinando-se com a ajuda das canadianas. — Têm ido à Internet?

— Não — responde John. — Na verdade, não.



O que significa viver e não somente sobreviver?

Numa manhã de verão, Edward Adler, de 12 anos, o seu irmão mais velho, os seus pais e outros 183 passageiros embarcam num voo com destino a Los Angeles. Entre eles estão um prodígio de Wall Street, uma jovem que enfrenta uma gravidez inesperada, um veterano de guerra lesionado, um magnata famoso e uma mulher que foge do marido controlador. A meio da viagem, o avião cai. Edward é o único sobrevivente.

Enquanto a sua história capta a atenção da nação, Edward luta por encontrar um lugar num mundo sem a família, mesmo sentindo que parte de si foi deixada no céu, ficando para sempre ligada ao avião e a todos os seus companheiros de viagem. E nesse longo processo de descoberta — de si próprio, do passado, do mundo que o rodeia —, ver-se-á diante de perguntas difíceis: quando se perde tudo, como encontrar forças para recomeçar? Como reaprender a sentirmo-nos seguros? Como reencontrar sentido na vida?

Querido Edward é simultaneamente uma invulgar história de amadurecimento, um retrato multidimensional de um elenco inesquecível de personagens, e uma assombrosa ilustração de todas as maneiras através das quais um coração partido pode reaprender a amar.

«Fez-me pensar, preocupar-me com as personagens e chorar;
e não se pode pedir mais de um romance.»

Emma Donoghue, autora de *O Quarto de Jack*

DA MESMA
AUTORA:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878831



9 789897 878831 >